

## Resenha do Livro

### “A conexão planetária”, autor Pierre Lévy, Editora 34, 2001.

PROFA. DRA. MARIA VIRGÍNIA LLATAS\*

#### SOBRE O AUTOR:

Nascido em Túnis, em 1956, Pierre Lévy foi aluno de Michel Serres e Cornelius Castoriadis. Professor do Departamento de Hiperfídia da Universidade de Paris desde 1993, leciona também na Universidade de Quebec, Canadá. É autor de vários livros, entre eles: *As tecnologias da inteligência* (1993), *O que é virtual?* (1996) e *Cibercultura* (1999), publicados no Brasil pela Editora 34.

Conhecido pela coragem e pioneirismo com que aborda o uso das novas tecnologias na vida cotidiana, o pensador francês Pierre Lévy é hoje quase um “antropólogo do ciberespaço”, na medida em que, livro após livro, vem desdobrando o impacto do *digital* não só no campo cognitivo, filosófico, mas também nos terrenos da economia, da cultura e da educação.

Em *A conexão planetária*, Lévy dá um passo além. Partindo da constatação de que uma vasta parcela da humanidade partilha de gostos, experiências e modos de vida comuns a vários países e diferentes etnias, o autor inicia seu texto com um “Manifesto dos planetários”. Nessas páginas, Lévy faz uma síntese do desenvolvimento da humanidade, desde sua dispersão pelo planeta ao longo do paleolítico, passando pela progressiva sedentarização ocasionada pelas revoluções tecnológicas do neolítico – a invenção da agricultura, da cidade, da escrita, do Estado – até o presente momento, de retraimento do espaço físico, abolição das fronteiras e relativização das noções de país e território nacional.

Como não poderia deixar de ser, a necessidade de uma nova política planetária, tal como entendida por Lévy, se apresenta atrelada aos jogos da economia de mercado; e é a análise desses movimentos que o autor se dedica no segundo capítulo do livro – “A economia virtual” –, que interessa de perto àqueles que buscam pensar as tendências do capital, os

---

\* É professora da PUC/SP e da Universidade Mackenzie. E-mail: feadm@pucsp.br

desdobramentos da indústria cultural, o *cibermarketing* e os novos modelos de operação das empresas *ponto com*.

Mas é no capítulo seguinte, “A subida em direção à noosfera”, que o salto interpretativo de Lévy se torna mais evidente. Aqui o autor vem juntar às suas fontes teóricas duas novas inspirações, de origem um tanto diversa. Do budismo, extrai a experiência de uma iluminação ou bem-aventurança que não está ligada a nenhuma divindade pessoal, mas, ao contrário, depende unicamente de uma percepção livre, desimpedida, desapegada do mundo. Do teólogo e paleontólogo Teilhard de Chardin (1881-1955), absorve – e atualiza – a idéia de um cosmos que avança progressivamente rumo ao espírito, a *noosfera*; idéia que Lévy considera parcialmente concretizada na Internet, a rede eletrônica que conecta o mundo a si mesmo, de modo virtual e instantâneo.

Associando as mudanças operadas em nossos conceitos de espaço e tempo a metamorfoses profundas da consciência humana, o autor postula que as novas tecnologias tornam manifestas as potências de conhecimento que o homem traz dentro de si. Nesse sentido, a humanidade estaria prestes a ingressar em uma nova era de expansão da consciência equivalente à que ocorreu em fins do século XV e início do XVI, com a descoberta e exploração do Novo Mundo. A diferença é que, dessa vez, o homem se pautaria não apenas pelo progresso econômico, mas também pelo desenvolvimento de redes de inteligência coletiva, criando uma harmonia global a integrar os mais diversos povos e linhagens culturais. É esta polêmica utopia que Lévy discute e ilumina com habilidade ímpar.

A atenção viva e multiforme dos humanos traça um movimento fractal cada vez mais denso e rápido no ciberespaço. Esse movimento desenha a imagem virtual, labiríntica, hipertextual, multidimensional e viva do que queremos, do que procuramos coletivamente. O espaço da atenção coletiva se abre cada dia mais à extraordinária diversidade do que pode interessar à humanidade. A hidra da consciência planetária, com seus milhões e, logo mais, bilhões de filamentos, de pontas móveis, inteligentes, rápidas como a luz, pode simultaneamente escolher entre os milhões e, logo mais, bilhões de sites que se multiplicam como neurônios de um gigantesco sistema nervoso em crescimento.

Não há mais “família” nem “nação” que se sustente: nos divorciamos, emigramos, mudamos de região ou de empresa. Muitos laços são rompidos, mas isso para que outras relações mais flexíveis, com um raio de ação mais amplo, refaçam-se mais adiante. Quanto mais a circulação dos homens se acelera e se adensa, melhor se tece o tecido global. Buscamos obstinadamente otimizar nossa situação em lugar de nos contentarmos com aquela que, por acaso, nosso nascimento nos trouxe. Buscamos

ser os artesãos de nossa própria vida. É por perseguirmos a liberdade, todos juntos e cada um por conta própria, que nos tornamos cada vez mais criativos e solidários. Eis aí o sentido profundo da ampliação irreversível do mercado: cada um trabalha para otimizar sua situação coordenando-se com os outros. Os liberalismos econômicos e políticos, assim como a aspiração pessoal pela realização, são diferentes aspectos de uma única ampliação da liberdade.

A comunidade científica é a primeira comunidade virtual, a primeira comunidade que se organizou numa inteligência coletiva, sobre uma base independente das barreiras nacionais e religiosas. Algumas décadas depois da invenção da imprensa e no momento em que a rede postal na Europa progressivamente se estabelecia, a "República das letras" começava a trocar idéias, colunas de cifras, resultados de experiências, imagens e raciocínios. Desde o século XVI, a comunidade científica aplicou-se em inventar e vivenciar uma maneira de criar sociabilidade, distanciada tanto da fusão comunitária, ou da submissão a uma autoridade despótica, quanto do individualismo indiferente aos outros. O pesquisador científico se apóia nos conhecimentos já existentes, cita trabalhos de seus colegas, insere-se completamente em um coletivo ao qual ele se orgulha de pertencer. Mas ele se apega à originalidade, à novidade, à descoberta. E ele é perfeitamente consciente de que, se não conseguir *suscitar o interesse* dos outros pesquisadores, suas idéias não terão nenhum sucesso. No espaço intelectual aberto pela comunidade científica, todas as idéias estão em competição cooperativa para atrair o máximo de atenção. A capacidade de interessar sem fazer apelo a argumentos de autoridade, à força ou a meios desleais são essenciais ao funcionamento do meio científico *porque a própria finalidade desse meio é a de funcionar em inteligência coletiva*. Onde se exercem a violência, o poder arbitrário e a fraude, a inteligência coletiva declina.

Cada vez que gastamos dinheiro, encorajamos a máquina econômica a ir em um sentido ou em outro. A economia, tão criticada, apresenta para a nossa sociedade sua imagem em um espelho. É isso que aceitamos comprar: essa comida, essa emissão de TV, essa casa, esse carro, essa cidade, esse governo, com a máquina econômica, o tipo de trabalho e relações humanas que produzem todo esse ambiente. Não somos sempre obrigados a comprar. O "sistema" não é absolutamente algo que nos seja exterior; ele está em nós e nós estamos nele.

No ciberespaço, é ainda mais evidente que são os movimentos da nossa atenção que dirigem tudo. À medida das passagens e dos retornos para os *sites* da Web, o registro do menor clique de mouse, isto é, o traçado mais preciso jamais realizado da atenção coletiva e individual,

é a matéria-prima do novo marketing, que orientará logo mais o conjunto da produção. Nem temos mais necessidade de comprar para orientar a economia, é suficiente dirigir nossa atenção para essa ou aquela zona do espírito coletivo. No limite, cada instante de consciência pessoal contribui para dirigir o mercado do mundo.

Investimos naquilo que estimamos que irá adquirir valor e não perder. Conseqüentemente, haverá cada vez menos “valor real” das coisas. O valor de mercado, o valor especulativo, o valor estimado terá cada vez mais lugar. Nas empresas mais competitivas no mercado mundial, que mostram o caminho que todas as outras tomarão, paga-se hoje em dia os colaboradores mais preciosos com ações, isto é, com vetores, capazes de subir e descer. Com símbolos que implicam seus portadores na baixa ou na alta da empresa.

Haverá cada vez menos ocupações bem delimitadas e funções precisas, todo mundo estará constantemente ocupado em fazer negócios em todos os campos: sexualidade, casamento, procriação, saúde, beleza, identidade, conhecimentos, relações, idéias. O “trabalho” mudará completamente de sentido. Já não saberemos muito bem quando estaremos ou não trabalhando. Estaremos constantemente ocupados em fazer negócios. Todos os tipos de negócios. O “desenvolvimento pessoal” mais íntimo levará a uma melhor estabilidade emocional, uma abertura relacional mais ampla, uma acuidade intelectual melhor dirigida e, assim, uma melhor performance econômica. Mesmo os assalariados, que cada vez mais demandam remuneração em ações, se tornarão empreendedores individuais, passando de um empregador a outro, gerenciando sua carreira como a de uma pequena empresa, atentos a todas as transformações do ambiente que podem lhes dizer respeito, prontos a se informar em relação às novidades. A pessoa torna-se uma empresa. Os que criticam esse sistema já têm, em sua vida pessoal, exatamente o mesmo comportamento que todos os outros.

Ainda não é todo mundo que joga exclusivamente esse jogo. Os habitantes do planeta não são, cada um deles, um *Homo economicus* que compra e vende de tudo. Mas essa prática se espalha muito rápido. Até na China, na Geórgia, na Amazônia. A tendência planetária se desenha claramente. Quanto mais universal for a prática do comércio, mais haverá lubrificante no motor dos negócios, menos haverá confrontos (a violência, o poder, a mentira, o crime) na sociedade e mais aumentará a riqueza geral. Pois todo mundo trabalhará cooperativamente e competitivamente produzindo “valor”, valores em altas, de todas as maneiras possíveis. Essa inventividade distribuída e regulada por leis é mil vezes mais eficaz que todas as economias planejadas. O governo chinês, que anunciava em

1999 milhões de demissões nas empresas do Estado, queria, sem dúvida, incitar seus ex-empregados a criar suas empresas. Até que enfim!

Quanto mais aumenta a velocidade dos movimentos na inteligência coletiva, mais a consciência coletiva se eleva em direção à sua temperatura de fusão e mais abre-se o espaço das representações acessíveis. A aceleração do processo de inteligência coletiva torna muito mais perceptíveis os mecanismos vitais da economia da atenção. É cada vez mais evidente, em particular, que a atenção, isto é, a consciência, é a energia universal da qual são feitas as idéias, a força cujas distribuições móveis dão origem e esculpem as paisagens de espaço-tempo virtual. Os fluxos de atenção se parecem com a luz, com a energia da inteligência coletiva. Eles criam em seu rastro novas realidades e reorganizam o espaço virtual de significações. Os objetos da atenção (as idéias, formas, sensações, problemáticas subjetivas, produtos) são como "massas" ou partículas de inteligência coletiva, memória fixada de estados precedentes da energia, atratores da energia livre. Os arranjos e as relações dinâmicas das idéias se traduzem principalmente na meta-estrutura semântica (*hiperlinks*, proximidades de sentido, afinidades sociais) do ciberespaço.

Ora, o ciberespaço é apenas, e sem dúvida, o primeiro germe de uma noosfera cujo crescimento e metamorfose ocuparão uma boa parte das energias mentais das gerações futuras.

Há somente uma única vida, mas os olhares estreitos que colocamos sobre ela a recortam demasiadamente para que possamos compreendê-la. Não é a "economia" que é má, a economia não é senão um conceito, mas antes a unidimensionalidade de *decisões* tomadas unicamente a partir de critérios ditos "econômicos" a curto prazo e de curta visão. Falo de visão curta porque o que é ruim para os seres humanos acaba *sempre*, a longo prazo, por ser ruim para a "economia", isto é, uma dimensão particular de análise da nossa vida. Na verdadeira vida coletiva, nenhuma dimensão está separada das outras. O governo da sociedade por ela própria, ao qual acabaremos por chegar não terá "ministérios". Porque os ministérios só servem para recortar – para não ver – a vida integral da sociedade. A economia possui uma dimensão sanitária e a saúde uma dimensão econômica, apesar do fato de que a economia e a saúde são administradas cada uma por um ministério separado. As decisões econômicas têm efeitos sobre a saúde e vice-versa. Há somente um processo humano-social. A "miséria", por exemplo, é um estado global político, sanitário, educativo, comunicacional, afetivo e espiritual.